

MEMÓRIA

Manoel de Andrade

De onde venho e por quem sou
desterrado da face do meu povo
desterrado dos amores e do meu sangue...
pelo meu coração de êxodo e batalhas
e pelo nostálgico lirismo da poesia,
eu te saúdo, pátria minha.

Por onde venho e rumo ao norte
sobre o dorso iluminado da América
por minha fé
pelo mágico idioma da utopia
e pelas páginas clandestinas do meu canto,
pátria minha... eu te saúdo.

Avançando entre o mar e a cordilheira
estrangeiro, bardo e peregrino
semeando a flor do bom combate
aprimado
silenciado no meu canto
banido pelas tiranias do altiplano
e hoje... enfim...
recebido pelas mãos da liberdade...
passageiro da brisa e do encanto...
hoje, pátria...
é para ti meu canto aberto e solidário.

Com a alma povoada de caminhos
partilhando meus punhos e meus sonhos
e respirando o ar dessas trincheiras...
daqui,
onde não me alcançam as mãos que te torturam
repartido entre a dor e a esperança
e pela estrofe combativa dos meus versos,
levanto minha voz por teu martírio.

Hoje eu canto com a memória dos caídos,
escrevendo teu nome ensangüentado
e do meu refúgio latino e americano
e pelo tempo que te dure esta noite
e este silêncio,

há de ouvir-se o testemunho implacável dos meus versos.



Ilustração de Cleto de Assis

Hoje escrevo sobre a água
e sobre o vento
mas um dia há de voltar meu desterrado canto.
Hei de voltar um dia
levando nos lábios uma canção de trigo
há de voltar minha alma de cigarra
e o marinheiro antigo.

Ó pátria minha...
hoje te sigo pelos mares mais longínquos
pelos portos onde tua bandeira chega navegando
e pela notícia de uma ação política,
e o impasse de um seqüestro,
sinto no peito que tua ferida está aberta.

Eu nunca quis cantar-te assim,
com amargura...
mas hoje me lembro de ti, do teu regaço ...
e a tua imagem me chega como uma mãe em
lágrimas.

Chega pelos gemidos e os estertores da bravura...
por esses sonhos que a morte silencia.

Chega pelo inquietante dossiê dos tempos
e por essa sombra imensa aquartelada sobre o povo.
E aqui, onde a Terra em duas latitudes se reparte,
pelo que sei e o que não sei,
em dois pedaços...
meu coração aqui também se parte.

Hoje eu canto pelo amanhecer luminoso que te espera
e te deixo em verso essa memória...
hoje escrevo a palavra: **companheiros...**
para que nunca se extinga a fé nesse combate.

Quito, agosto de 1970